

## **Magia Negra, Vodum e Macumba: A Representação Social das Religiões Afro-Brasileiras nos Jornais Impressos de Pernambuco<sup>1</sup>**

Camila Carvalho LINDOSO<sup>2</sup>

Juliano Mendonça Domingues da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, PE

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como proposta analisar como as religiões afro-brasileiras são representadas em três dos jornais impressos de maior circulação de Pernambuco. A partir de um estudo acerca da Teoria das Representações Sociais, é realizada uma análise do discurso das coberturas jornalísticas do caso Flânio da Silva Macedo, um garoto de apenas nove anos que foi morto em um suposto ritual macabro o qual foi relacionado às religiões de origem africana. O estudo pretende mostrar que os estereótipos referentes a este objeto de pesquisa, reforçados pela Imprensa, fazem parte de uma representação social concebida a partir do universo marginalizado e proibido no qual as religiões afrodescendentes viveram durante o período escravocrata brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação social; Religiões afro-brasileiras; Jornais Pernambuco; Discriminação; Estereótipos.

### **INTRODUÇÃO**

Não é raro abriremos os jornais todos os dias e nos depararmos com alguma notícia sobre assassinato, violência ou catástrofe. São acontecimentos os quais despertam atenção, rompem com o conceito de “normalidade” e conseguem se inserir no mundo das notícias como se não relatassem a vida em si, mas sim os momentos que fogem do padrão social estabelecido entre os sujeitos da sociedade (TRAQUINA, 2005, p. 96). No entanto, esses temas ainda são mais problemáticos quando relacionados às culturas e singularidade de determinados grupos sociais.

Neste trabalho, portanto, pretende-se analisar um caso de destaque no ano de 2012 nos três jornais de maior circulação de Pernambuco: o Jornal do Commercio, o Diário de Pernambuco e a Folha de Pernambuco. Trata-se do crime ocorrido com o garoto Flânio da Silva Macedo, de nove anos, que foi abusado sexualmente, morto e teve a cabeça separada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante recém-graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), email: [camilalindoso@gmail.com](mailto:camilalindoso@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Coordenador do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), email: [juliano@unicap.br](mailto:juliano@unicap.br)

do corpo em um suposto “ritual macabro”. Durante o desdobramento do caso nos dias posteriores, o fato deixou de ser o assassinato do garoto para se tornar a onda de intolerância religiosa gerada possivelmente pela reprodução massiva de estereótipos e preconceitos por parte da Imprensa, que utilizou termos inadequados e reforçou conceitos depreciativos.

Para tanto, vamos tentar avaliar de que forma as religiões afro-brasileiras são representadas nos jornais impressos de Pernambuco a partir da Teoria da Representação Social.

### **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: PONTO DE PARTIDA**

A Teoria das Representações Sociais surgiu na Europa, especificamente na França, no ano de 1961, ao tentar explicar como se processava a construção da realidade a partir da mediação entre o indivíduo e o mundo no qual ele vive, ou seja, a vida em sociedade. Organizada pelo pesquisador Serge Moscovici, a teoria teve o primeiro desenvolvimento escrito no livro *La Psychanalyse: Son Image et son public*.

No entanto, para entender os estudos propostos por Moscovici, é necessário compreender quais foram os embasamentos tomados por ele, bem como quais foram os autores da Psicologia Social que influenciaram a formulação da Teoria das Representações Sociais. Duas fases de estudo do ramo da Psicologia Social foram atuantes para a elaboração da teoria, a qual tenta explicar como se formam e funcionam as referências que utilizamos para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana, sabendo que os indivíduos e o mundo em que eles vivem estão intrinsecamente interligados na ação de construção de saberes sociais.

A primeira fase dos estudos da Psicologia Social estava essencialmente ligada às pesquisas de entendimento dos fenômenos coletivos. Os teóricos Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel, ainda no início do século XX, foram decisivos para a formulação de Moscovici. Os estudiosos desta época, tomando como caminho a Psicologia Social, estavam mais preocupados com o caráter coletivo das representações do que com o seu conteúdo e suas variantes.

Para Simmel, as representações de uma sociedade sobre determinado objeto é o que opera as ações de interação entre os indivíduos. Já para Weber, a representação seria um saber comum que pode pré-visualizar ou antecipar determinados comportamentos dos sujeitos (COSTA; ALMEIDA, 2013). Durkheim, no entanto, parte do princípio de que a

ciência, para estudar e entender as representações, tem que reconhecer as diferenças significativas entre o individual e o coletivo. Durkheim acredita que há o lado individual, cuja representação faz parte de cada sujeito em sua forma psicológica e é ameaçadora à ordem social, e o lado coletivo, cuja sociedade passa a ser impessoal e permanente, visando apenas a ligação entre os sujeitos e a harmonia entre eles (COSTA; ALMEIDA, 2013). A discrepância entre o social e o individual feita por Durkheim é o principal motivador da teoria organizada por Moscovici, sendo ele o primeiro a ter utilizado o conceito de representação. Farr (2003, p. 36) revela que ele julga ser “a sociologia independente da psicologia”:

A distinção aguda de Durkheim entre a sociologia (o estudo das representações coletivas) e psicologia (representações individuais) fez com que se tornasse praticamente inevitável que, quando Moscovici propôs que se estudassem as representações sociais, esse novo campo fosse classificado como uma forma sociológica, e não psicológica, de psicologia social.

Já na segunda fase dos estudiosos que contribuíram para a Teoria das Representações Sociais estão os teóricos Henry Lewy-Bruhl, Jean Piaget e Sigmund Freud. Segundo as pesquisas de Costa e Almeida (2013), é visível que neste período os pesquisadores estavam voltados para as dinâmicas do caráter coletivo, ou seja, como as representações realmente se materializavam na realidade social.

Na visão de Piaget, por exemplo, a criança cresce dentro de uma representação já estabelecida socialmente. Mas, com o passar de seu crescimento, através dos processos cognitivos e emocionais, ela contribui construindo o próprio universo e, ao mesmo, o mundo social no qual vive. Em sua fase de construção, as crianças, segundo Piaget (apud DUVEEN, 2003), apresentam grande importância para a construção das representações:

[...] para Piaget, o conhecimento se desenvolve através das interações da criança com o meio ambiente, ao longo das quais ela chega a coordenar suas próprias ações e [...] a abstrair operações mais gerais. (DUVEEN, 2003, p. 262)

No ramo da divergência entre as representações coletivas e individuais, Bruhl chama atenção para os fatores sentimento, raciocínio e vida mental coletiva (COSTA; ALMEIDA, 2013). O estudioso acredita que o fator principal de diferenciação de uma sociedade para

outra não é o nível de inteligência dos sujeitos, mas sim o tipo de lógica que cada uma utiliza para construir sua realidade. Já Freud estava preocupado em mostrar como as representações passam do coletivo para o individual e de que forma o social interfere nas representações individuais. Para Moscovici, conforme Costa e Almeida (2003, p. 5), o trabalho de Freud foi decisivo para explicar a interiorização das dinâmicas do processo que transforma o dado coletivo em algo de característica individual, responsável pela marca de caráter do sujeito:

O caráter seria a expressão de teorias concebidas pelas crianças, inicialmente junto à família e que, progressivamente, vão sendo substituídas por outras, à medida que as crianças vão ampliando o universo de suas relações sociais.

Dentro das contribuições para a formulação da Teoria das Representações Sociais, está também Wundt, que distinguiu a psicologia fisiológica, ou seja, o estudo do indivíduo a partir do exterior e da sua introspecção, da *volkerpsychologie*, a qual equivale ao fator cultural. Segundo esse teórico, os fenômenos mentais coletivos, como a linguagem, religiões, costumes, mitos e mágica, não podem ser explicados em termos de sujeitos, pois são produtos de uma interação de muitos. Quem também colaborou foi o teórico Le Bon, o qual diferencia o indivíduo das massas ou multidão, contrastando a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas; Mead, com suas críticas acerca da distinção de Wundt e estudo sobre a importância da linguagem para a compreensão da mente humana, já que ela é característica especificamente do homem, sendo assim, também, social; McDougall, com a identificação de instintos humanos que fazem com que vida em sociedade seja possível e com um estudo acerca dos princípios da psicologia coletiva, no intuito de aplicá-los à interpretação da vida; Allport, com os estudos sobre a maneira como Le Bon tratou as massas e multidão, utilizando-os para medir a opinião pública dos indivíduos e estudar o comportamento institucional; Saussure, o qual distingue a “parole” da “langue”. A linguagem, conforme o teórico, tem um lado individual, que seria a “parole” e um lado social, ou seja, a “langue”, sendo impossível conceber um sem a existência do outro (FARR, 2003, p. 35-44).

Como um todo, a intenção de Moscovici (2003) era, sobretudo, superar as representações coletivas ou individuais que foram defendidas durante anos pelos teóricos

citados acima, acreditando que a Psicologia Social não pode mais acrescentar uma dimensão social aos fenômenos psicológicos de forma unilateral.

Esses dois pontos de vista estão claramente errôneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. Além do mais, todas as culturas que conhecemos possuem instituições e normas formais que conduzem, de uma parte, à individualização, e de outra, à socialização. As representações que elas elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. [...] Sem esta noção não se pode compreender nem o dinamismo da sociedade nem a mudança de qualquer uma das partes que a compõem. (MOSCOVICI, 2003, p. 12)

## **OS ESTEREÓTIPOS E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO JORNALISMO**

Antes de chegarmos ao entendimento do que são estereótipos e como eles se formam, é preciso ter em mente que as Teorias das Representações Sociais constituem-se no senso comum dos indivíduos (SILVA, 2011). Construir e transformar as representações sociais significa, também, transformar o senso comum, socialmente construído e compartilhado. E é a partir daí que os estereótipos criam vida e se estabelecem no âmbito social e individual dos sujeitos.

De acordo com Berger e Luckmann (1985), o senso comum corresponde a um conhecimento natural que integra a realidade da vida cotidiana de uma sociedade, o qual foi sendo estabelecido ao longo dos anos e que não necessita de comprovação maior do que a sua própria existência legitimada socialmente. A atitude natural significa o mesmo que a atitude do senso comum, precisamente “porque se refere a um mundo que é comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 40).

Dentro desse contexto, é possível inserir o papel do jornalismo como campo importante para a construção e reconstrução das representações, assim como para a participação ativa junto à construção do senso comum, uma vez que é, assim como a ciência, um meio de produção de conhecimento (MEDITSCH, 1997). O jornalismo, de

acordo com Medistch (1992), possui o papel de contribuir para a formação e compreensão do mundo.

Entretanto, apesar de ser o jornalismo uma forma de conhecimento, Medistch (1997) acredita que nem sempre a profissão gera atribuições positivas à sociedade e aos indivíduos que a compõe. Para ele, essa forma de conhecimento tanto “pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, e é provável que muitas vezes faça essas duas coisas simultaneamente” (MEDISTCH, 1997, p. 2).

O estoque social de conhecimento de uma determinada sociedade é regido por estruturas básicas enraizadas no cotidiano dos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 1985). O jornalismo, ao reproduzir o conhecimento utilizando-se de padrões pré-estabelecidos, presentes no senso comum, acaba ficando exposto a repetir ideias generalizantes e reducionistas, reproduzindo, sobretudo, padrões sociais que muitas vezes são representados de forma deturpada:

Como produto social, o jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto. (MEDITSCH, 1997, p. 11)

O pesquisador revela que é a partir dessas reproduções, de uma realidade muitas vezes contraditória e desigual, que abrem-se brechas para a inclusão de estereótipos no discurso jornalístico, os quais contribuem para a distorção de aspectos da realidade e solidificam os rótulos contidos em determinados grupos sociais.

Da mesma forma que o senso comum é um costume natural de uma sociedade (BERGER; LUCKMANN, 1985), assim são os estereótipos criados por meio dele. Isso porque, a partir do momento que são representações de uma determinada sociedade, os estereótipos na maioria das vezes não são notados por quem os reproduz. Nos estudos de Ferrés (1998, p. 137), em uma análise sobre as comunicações despercebidas, ele revela que,

o risco dos estereótipos reside na sua aparente obviedade ou naturalidade. Para o receptor, a realidade estereotipada parece tão óbvia que não fará esforços para questioná-la ou, pelo menos, para atenuá-la.

## **AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

Para qualquer lugar que olhamos dentro da sociedade brasileira, podemos perceber traços marcantes da cultura negra. Uma cultura que chegou ao Brasil pelos grandes navios negreiros que traziam ao país, ainda colônia Portuguesa, uma grande mão de obra escrava.

Durante o período escravocrata, de 1530 a 1888, época de colonização portuguesa, havia no País a imposição, por parte do colonizador, do Catolicismo luso-brasileiro (VALENTE, 1976). O trabalho de catequese, obrigatório por lei na época, que seria realizado com os negros escravos por meio dos missionários, já vinha sendo feito, da mesma forma, com os índios que no país foram encontrados quando os portugueses desembarcaram. A cultura indígena já havia sido, então, influenciada, interferida e colocada à marginalidade, principalmente no que se refere às crenças e cultos religiosos praticados. Waldemar Valente (1976) revela que foi a partir deste choque cultural que surgiu o sincretismo religioso, o qual deu origem a religiões com influências de diversificados povos, como as hoje chamadas religiões afro-brasileiras.

No que se refere às crenças africanas, o Candomblé e a Umbanda são as que mais têm adeptos e visibilidade no País (PRANDI, 2006). Como descreve Ribeiro (1982), de forma geral, os cultos afro-brasileiros são relacionados a uma série de divindades subordinadas a um criador, descendentes de uma família mitológica. Elas são organizadas em panteons (deuses), e têm, então, a função e poder de controlar as forças naturais e guiar as condutas dos indivíduos. Essas são os orixás, no caso do Candomblé, e os chamados espíritos dos caboclos indígenas, pretos-velhos, exus-espíritos e pombas giras, no caso da Umbanda, que carrega as crenças ameríndias e a influência da religião spiritista. Em ambas as religiões, os chefes religiosos são chamados de babalorixá ou pai de santo e de yalorixá ou mãe de santo (VALENTE, 1976).

Segundo um artigo publicado em 2007 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), entre os fatores que promovem a discriminação das religiões afro-brasileiras estão a introdução ou organização das crenças por ex-escravo e o preconceito em relação ao negro e à cultura africana. Segundo a pesquisa, seus adeptos têm sido, ao longo dos anos, apontados como atores ou insufladores de práticas criminosas, ilegais ou repudiadas socialmente (assassinatos, práticas ilegais de medicina, entre outros). Na época colonial, era corriqueiro os boletins de ocorrência feitos pela polícia, que invadiam terreiros e prendiam seus membros sob acusação de praticarem falsas curas, acusando-os de se aproveitarem da boa-fé do público para extrair dinheiro (SILVA, 2010). Esse é um dos exemplos dos

preconceitos e da intolerância religiosa ainda encontrada atualmente, onde casos de polícia continuam sendo relacionados à prática religiosa de matriz africana, fruto de uma representação cultivada socialmente durante décadas.

## **CASO FLÂNIO DA SILVA MACEDO: AS PRIMEIRAS DIVULGAÇÕES DA IMPRENSA**

O assassinato do garoto Flânio da Silva Macedo, de nove anos, morador do distrito de São Domingos, no município de Brejo da Madre de Deus, na região do Agreste pernambucano, veio à tona no meio midiático pernambucano no dia 11 de julho de 2012, inicialmente por dois dos três jornais que serão analisados: a Folha de Pernambuco e o Jornal do Commercio (JC). Flânio estava desaparecido desde o dia 1º de julho, entretanto os jornais somente deram a notícia sobre o caso quando o corpo do garoto foi encontrado. Antes do desaparecimento e crime, Flânio foi visto pela última vez carregando compras na feira na companhia de um homem no sítio Olho D'água do Pícaro, na Zona Rural da região.

Logo de início, na Folha de Pernambuco, no dia 11 de julho, é informado que Flânio teria sido vítima de um ritual macabro, sem, por enquanto, fazer menção a alguma religião. Entretanto, no decorrer da matéria, é citada a decisiva fala do delegado responsável pelo caso, que foi fundamental para o desdobramento da cobertura. Ele relata que Flânio havia sido vítima de um ritual de magia negra e que no local havia “potes de despacho”. O despacho é uma palavra pejorativa para designar os ebós e oferendas, realizados no Candomblé para pedir proteção aos orixás. A partir daí, é possível perceber dois tipos de representações: por parte do delegado, que desconhece os termos “magia negra” e “despacho”, utilizando-os de maneira errônea; e do repórter, o qual publica a informação oficial sem antes checar os termos, reforçando o senso comum de que estas expressões são aceitáveis e não depreciativas. Talvez esse fato tenha sido crucial para o desenvolver da intolerância religiosa que veremos nas próximas coberturas dos jornais, uma vez que o delegado é a fonte oficial dos repórteres.

Já no JC, no primeiro parágrafo, chamado de lide<sup>4</sup>, são apresentadas as características do corpo encontrado: com a cabeça decepada, pés e mãos amarrados, e sinais de que o garoto teria sofrido abuso sexual. Também segundo a notícia, o delegado Antonio

---

<sup>4</sup> Termo considerado um jargão jornalístico. Refere-se à abertura de um texto, ou seja, o primeiro parágrafo. É o espaço reservado para as principais informações do assunto tratado.



Dutra afirma que “trabalha com a hipótese de ligação com magia negra por causa dos objetos encontrados no local onde estava o corpo, como panelas de barro, cordas, bonecos de vodu e ossos humanos” (ENCONTRADO, 2012).

Já a partir do primeiro dia de revelação do caso, nos dois jornais, é possível observar como termos específicos são utilizados pelas fontes dos jornalistas, e reforçados pelos profissionais, de forma indevida, a partir da representação social construída ao longo dos anos, a qual, muitas vezes, não é colocada em xeque.

Henrique Cunha Junior (2009) explica que desde a idade média os africanos conheciam plantas venenosas, alucinógenas e entorpecentes, administrando seus conhecimentos para dominar aqueles que os escravizavam no intuito de realizar fugas. Assim, a representação dos senhores europeus era de que os desequilíbrios provocados pela prática dos ritos seriam magia dos negros, ou seja, magia negra. O termo, então, é preconceituoso, racista e discriminatório. A expressão “bonecos de vodu”, utilizada pelo oficial civil e reforçada pelos jornalistas nas reportagens, é, na verdade, um termo pejorativo que foi associado à religião Vodum, uma das matrizes africanas. Erroneamente, o termo é representado na sociedade como objeto utilizado em ritual para prejudicar o próximo. Na matéria, apenas por relacionar a expressão à peça encontrada na cena do crime, o equívoco já é exemplificado e a relação com as características religiosas afro-brasileiras, feita.

No dia posterior, na data 12 de julho, a repercussão foi destaque nos três jornais, que trouxeram o desdobramento e detalhes do caso. A partir desta data, a revolta e intolerância da população começa a se mostrar presente. Dos três periódicos, apenas a reportagem do JC não citou o crime como sendo um ritual de magia negra, bem como também foi o único que não associou, por enquanto, os suspeitos do crime, que foram apresentados pela Imprensa nesta edição, à qualquer nomenclatura religiosa. O casal Genival Rafael da Costa, 62, e Maria Edleuza da Silva, 51, confessaram o crime e se entregaram à polícia. Ednaldo Justo dos Santos, 33, e Edilson da Costa Silva, 31, acabaram presos. Diferentemente do JC, o DP e a Folha de Pernambuco abusaram das terminologias, sugerindo que os criminosos realizaram o crime por serem pais de santos, ou seja, entidades majoritárias das religiões afro-brasileiras.

Folha de Pernambuco:

Genival Rafael da Costa, de 63 anos, a mulher dele Maria Edleuza da Silva, de 51 anos, Ednaldo Justo dos Santos, de 33 anos, conhecido como pai ‘Val’ e Edilson da Costa Silva, vulgo Deni, de 31 anos, foram presos em São Domingo, distrito de Brejo da Madre de Deus, no Agreste do Estado. Todos têm envolvimento com magia negra e, os homens são pais-de-santos. A polícia já tem o nome do quinto suspeito, que também seria ligado à religião oculta e que seria o mandante do crime, mas não divulgou o nome para não atrapalhar as investigações. (COUTINHO, 2012, p. 04)

#### Diário de Pernambuco:

Três pais de santos foram detidos: Genival Rafael Costa, o ‘Pai Velho’, 63 anos, de Brejo da Madre de Deus; Ednaldo Justos, o ‘Pai Nal’, 33; e Edilson da Costa Silva, o ‘Deni’, 31, de Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste do estado. Além deles, Maria Edneuzza Silva, 51, que vive com Genival. (ESCOLHIDO, 2012, p. 2)

Nos dois casos acima, fica claro o uso indevido da denominação “pai de santo”. Vale ressaltar que nenhuma prova de que eles eram pais de santo foi apresentada pela Polícia Civil. E isso ocorreu porque eles não praticavam a religião e nem muito menos eram entidades religiosas de algum terreiro. Durante a apuração do caso, as fontes oficiais<sup>5</sup>, cada uma com suas devidas representações, possivelmente repassaram aos jornalistas denominações equivocadas, associando os suspeitos do crime aos chefes religiosos afro-brasileiros.

No dia 13 de julho, o foco dos três jornais deixou de ser o crime e os desdobramentos das investigações policiais sobre o rumo dos suspeitos para voltar-se quase que exclusivamente à discussão acerca da “religião” que teria influenciado e motivado o assassinato. A partir desta edição, a divulgação de que o crime seria um culto de sacrifício ao demônio praticado por pais de santos, ou seja, religiosos de matriz africana, tomou força e se materializou socialmente.

O JC reservou uma página inteira para o caso. No lide da matéria, o repórter expôs logo no primeiro período que “o dia foi de caos” no distrito de São Domingos, em Brejo da Madre de Deus. Ele relata o ocorrido informando que pelo menos seis casas de pessoas que atuariam como pai de santo foram incendiadas pelos moradores do local. Ainda no lide, é dito que “a polícia não conseguiu conter os atos de vandalismo, que atingiram até quem não

---

<sup>5</sup> Fontes oficiais são mantidas pelo Estado e instituições referentes ao Estado.

tinha nada a ver com a morte da criança” (ROMERO, 2012, p. 04). Apenas nessa frase, é possível perceber a sutileza da representação que está imposta na informação. Os policiais, tentando conter a população que incendiava terreiros e perseguia religiosos de matrizes africanas, atingiram até quem não tinha ligação com o crime que vitimou Flânio. Então os pais de santos e praticantes da crença, atingidos pelos revoltosos, mesmo que de forma indireta, fazem parte da morte do garoto e são culpados apenas por praticarem a religião que teria culminado o assassinato.

No último parágrafo da matéria, é relatada a invasão que ocorreu na casa de Edilson da Costa Silva, 33 anos, e Ednaldo Justo dos Santos, dois dos quatro suspeitos pelo crime. Para reforçar este episódio, a reportagem coloca, sem nenhum cuidado com o que está sendo informado, o relato de um morador do local, Roberto da Silva, 33 anos: “O pessoal também achou um álbum de fotos só com cabeças de gente. Por isso está quebrando tudo que é casa de macumbeiro” (ROMERO, 2012, p. 04). A reportagem, mais uma vez, reforça o estereótipo criado pela sociedade de que macumba é algo ruim. Macumba, em sua simples definição no dicionário português Priberam, é o instrumento de percussão de origem africana, que, por causa da sonoridade, passou também a representar as cerimônias religiosas afro-brasileiras.

O JC, como já havia feito no dia 11 de julho, divulga, em uma vinculada, esclarecimentos sobre o estereótipo que relaciona crimes às religiões afro-brasileiras. Os outros dois jornais analisados fizeram isso pela primeira vez nesta edição. Contudo, a matéria traz a sensação que foi publicada apenas como um direito de resposta, e não como algo necessário para corrigir os erros da Imprensa.

Ainda na edição do dia 13 de julho, dentre os jornais analisados, o DP foi o único que relacionou a revolta como sendo uma intolerância religiosa, apesar de ter relacionado novamente os suspeitos à denominação dada aos chefes dos centros de matrizes africanas. Entre uma das fontes entrevistadas pela reportagem, o DP coloca novamente a fala do delegado Antônio Dutra: “As pessoas estão invadindo os espaços aleatoriamente. Muitos não conhecem a história das religiões e estão cometendo injustiças”. O delegado foi o mesmo oficial o qual no primeiro dia de divulgação do caso, na data 11 de julho, informou – e contribuiu para reforçar o preconceito acerca das religiões referentes – que o crime possivelmente teria ligação com magia negra, já que na região onde o corpo estava a polícia encontrou “bonecos de vodu” e “panelas de despacho”. Parece, na verdade, que o delegado

percebeu os equívocos cometidos e quis, então, tentar reverter o erro. Questão que está atrelada à própria representação social do oficial.

O desdobramento da matéria publicada na Folha de Pernambuco é semelhante aos dos outros dois jornais já analisados. No lide, o que chama a atenção são as informações da repórter, a qual escreveu que o ato foi uma verdadeira “caça às bruxas” contra pais de santos e espíritas, e que a ação dos revoltosos seria um ato de vingança pela morte de Flânio. Ou seja, a representação implícita é que se eles atingiram os terreiros em um ato de vingança, o assassinato foi mesmo praticado por pais de santos e tem a ver com as religiões afro-brasileiras.

No decorrer da reportagem, são informados os pontos alvos de ataques, focando nos objetos religiosos encontrados pelos populares nas residências. Depoimentos de populares também foram colocados sem cautela alguma. Em um dos casos, a repórter escreveu que um popular encontrou na casa de um chefe religioso afro-brasileiro, que havia fugido do local quando soube que iriam invadir a residência, “várias coisas como charuto, cachimbo, e caneca com a inscrição ‘Exu’” (COUTINHO, 2012, p. 01). O fato de a profissional ter colocado que na casa de um babalorixá foi encontrada uma caneca com as letras Exu mostra o preconceito acerca desse orixá, que frequentemente é relacionado ao diabo. Ou seja, uma vez que cultuam Exu, estão cultuando o mal, e isso foi reforçado pela repórter como estereótipo ainda presente na sociedade, o que confirmou ainda mais a errônea ligação do crime com as religiões afro-brasileiras.

No dia 14 de julho, todos os três jornais trouxeram desdobramento sobre o crime do caso Flânio da Silva Macedo. Na Folha de Pernambuco, logo no lide, as mesmas falhas quanto aos suspeitos serem pais de santos persistem. Logo no início do segundo parágrafo da matéria é informado que a suspeita Edleuza teria dito que fazia parte, “juntamente com o marido, da Umbanda, mas que ambos estariam afastados da religião nos últimos tempos” (COUTINHO, 2012, p. 04). Sutilmente a matéria deixa subentendida a relação da religião afro-brasileira, supostamente praticada pela suspeita, com o crime cometido.

No Diário de Pernambuco, na edição também no dia 14 de julho, apenas uma nota foi dada ao caso. Entretanto, uma informação chama a atenção:

Quatro dias após o início das investigações sobre o bárbaro assassinato de Flânio da Silva Macedo, 9 anos, durante um ritual de

magia negra, a Polícia Civil ainda não sabe a motivação do crime.  
(MOTIVO, 2012)

Se não sabe qual foi a motivação, por que informar que foi um ritual de magia negra? Talvez nem as fontes oficiais e nem os jornalistas saibam o que realmente significa esta palavra depreciativa e preconceituosa, devido ao processo de naturalização das representações sociais. Além disso, nos outros três dias de cobertura, foi informado que, por ser um ritual de magia negra, o crime teria o objetivo de agradar o diabo.

Na matéria do Jornal do Commercio, a reportagem informa que Maria Edleuza “relatou que os objetos relacionados a rituais macabros, encontrados no local onde a criança foi morta, estavam lá há muito tempo e não têm relação com o crime” (OS DETALHES, 2012). Ou seja, a informação até então apresentada pela Imprensa, e pelas fontes oficiais, que no local havia “bonecos de vodu” e “potes de despacho” pode ter sido divulgada erroneamente. Além das palavras terem sido usadas como uma forma depreciativa, talvez esses objetos encontrados tenham feito parte realmente de algum ritual de religiões afro-brasileiras, já que as oferendas são, muitas vezes, colocadas nas encruzilhadas ou no meio ambiente, debaixo de árvores.

Depois do dia 14 de julho, o caso somente veio a ser mencionado pelos três jornais no dia 18 do mesmo mês, quando um terreiro em Olinda foi alvo de ataques preconceituosos. É notória, durante todos os dias de desdobramento do crime pelos jornais, que uma onda de intolerância religiosa tomou força com a vinculação massiva de que os acusados eram pais de santos. A partir deste momento, é possível questionar algo de fato intrigante. Será que os atentados ocorreram por causa da representação de que religiões afro-brasileiras são práticas do mal ou foram ocasionadas por conta da massiva publicação por parte da Imprensa dessa relação errônea?

No dia posterior, na data de 19 de julho, apenas a Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio trouxeram um desdobramento que envolvia o caso do menino Flânio. Entretanto, desta vez, a cobertura foi acerca da assinatura, por parte dos representantes afrodescendentes, de um documento o qual repudia o desrespeito com as crenças de matriz africana. Posteriormente, o caso somente veio a ser mencionado no dia 26 de julho pela Folha de Pernambuco e Jornal do Commercio, quando a reconstituição do caso foi realizada pela Polícia Civil.

Depois deste fato, até o final do ano de 2012, o assassinato do garoto Flávio da Silva Macedo, nove anos, não foi mais mencionado pelos três jornais pernambucanos. O caso caiu no esquecimento, assim como o erro dos órgãos oficiais e da Imprensa, a qual informou massivamente termos que relacionava as religiões afro-brasileiras ao crime. Atualmente, os suspeitos continuam reclusos nas alas prisionais à espera do julgamento do caso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, vale ressaltar que a análise a qual foi realizada é apenas uma parcela de todo o estudo que ainda deve ser feito sobre o jornalismo e a Teoria das Representações Sociais, a fim de colocar em discurso o papel dos meios de comunicação e do jornalismo.

Todas as coberturas dos jornais, de alguma forma, apresentaram abordagens preconceituosas e representações que afirmam os resquícios de marginalidade da época colonial. Apenas o *Jornal do Commercio*, no primeiro dia de abordagem do caso, preocupou-se em explicar aos leitores que o crime não teria ligação com as religiões afro-brasileiras. Entretanto, nenhum jornal se eximiu do erro. Em todos os dias de abordagem do caso, o termo “pai de santo” foi relacionado aos suspeitos, e objetos e características específicas continuaram sendo também associados ao crime.

É possível concluir, então, que o jornalismo pode tanto proporcionar conhecimento quanto destruí-lo. A Imprensa tem assim a capacidade de provocar certas atitudes, mas não sozinha. Ela apenas reproduz estereótipos já presentes socialmente, como representações naturalizadas nos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTA, Wilse Arena; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. **Teoria das representações sociais: uma abordagem alternativa para compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais**. Universidade Mato Grosso. 2013. Disponível em: [www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as\\_teorias\\_das\\_repres.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html). Acesso em: 20 mar. 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Candomblés: como abordar esta cultura na escola**. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7738/4810>. Acesso em: 04 mai. 2013.

DUVEEN, Gerard. **Crianças enquanto atores sociais: as representações Sociais em desenvolvimento.** In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FARR, Robert M. **Representações sociais: a teoria e sua história.** In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas.** Artmed: Porto Alegre, 1998.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais.** In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1992.

\_\_\_\_\_. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Santa Catarina, 1997. Disponível em: [http://www.bocc.uff.br/\\_listas/tematica.php?codtema=8](http://www.bocc.uff.br/_listas/tematica.php?codtema=8). Acesso em: 09 mar. 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Textos em representações sociais.** In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras.** São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Religiões afro-brasileiras: formação e dinâmica.** São Paulo, 2010. Disponível em: [http://www.erudito.fea.usp.br/PortalFEA/Repositorio/1181/Documentos/transcricao\\_port\\_2\\_1\\_1.pdf](http://www.erudito.fea.usp.br/PortalFEA/Repositorio/1181/Documentos/transcricao_port_2_1_1.pdf). Acesso em: 03 abr. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo, Rio Grande de Sul: Unisinos, 2001.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro.** 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. 117 p.

\_\_\_\_\_. **Religião e sociedade: religiões de matriz africana no Brasil, um caso de polícia.** Maranhão, 2007. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/ReligAfro%20X%20policia.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2013.